

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA

**MAUS TRATOS NA INFÂNCIA, FUNÇÕES EXECUTIVAS, EVENTOS
ESTRESSORES E DESEMPENHO ESCOLAR EM ADOLESCENTES**

LUÍZA MOTHEs

Porto Alegre
Março, 2013

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA

**MAUS TRATOS NA INFÂNCIA, FUNÇÕES EXECUTIVAS, EVENTOS
ESTRESSORES E DESEMPENHO ESCOLAR EM ADOLESCENTES**

LUÍZA MOTHEs

Orientadora: Dr.^a Tatiana Quarti Irigaray

Co-orientador: Prof^o Dr. Christian Haag Kristensen

Dissertação de mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Faculdade de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do sul como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia, com ênfase em Cognição Humana.

Porto Alegre

Março, 2013

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

M918m Mothes, Luiza

Maus tratos na infância, funções executivas, eventos estressores e desempenho escolar em adolescentes / Luiza Mothes. — Porto Alegre, 2012.

109 f. : il.

Diss. (Mestrado) – Faculdade de Psicologia, Pós-Graduação em Psicologia, Área de concentração em Cognição Humana, PUCRS, 2013.

Orientador: Profa. Dra. Tatiana Quarti Irigaray.

Co-Orientador: Prof. Dr. Christian Haag Kristensen.

1. Psicologia Cognitiva. 2. Desempenho escolar - Adolescentes. 3. Crianças – Maus Tratos. 4. Estresse - Adolescentes.
I. Irigaray, Tatiana Quarti. II. Kristensen, Christian Haag. III. Título.

CDD: 155.5

Alessandra Pinto Fagundes
Bibliotecária
CRB10/1244

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA

**MAUS TRATOS NA INFÂNCIA, FUNÇÕES EXECUTIVAS, EVENTOS
ESTRESSORES E DESEMPENHO ESCOLAR EM ADOLESCENTES**

LUÍZA MOTHEs

COMISSÃO EXAMINADORA:

Prof.^a Tatiana Quarti Irigaray, Dra
Faculdade de Psicologia – PUCRS
Orientadora Presidente

Prof.^a Dra. Clarissa Marcelli Trentini
Faculdade de Psicologia – UFRGS

Prof.^a Dra. Carolina Saraiva de Macedo Lisboa
Faculdade de Psicologia - Unisinos

Porto Alegre
Março, 2013

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço aos meus pais, por serem modelos de profissionais dedicados e que amam suas profissões. Por me incentivarem e me proporcionarem esse investimento profissional e pessoal que foi o mestrado.

Aos meus irmãos, por todo apoio emocional e por toda torcida que sempre fazem para a irmã caçula.

Agradeço fortemente a minha orientadora Tatiana Quarti Irigaray, a quem eu tive como modelo de pesquisadora, professora e orientadora. Com sua tranquilidade, aprendi inúmeros aspectos teóricos, mas, principalmente, práticos, como a ser uma profissional determinada, competente e correta.

Sou grata ao meu co-orientador Christian Kristensen, que sempre se mostrou disponível para solucionar qualquer dúvida e a contribuir, com toda sua experiência, para a formulação desta dissertação.

Além de colegas, contei com duas grandes amigas, a Cristiane Silva Esteves e a Camila Rosa de Oliveira durante essa jornada. Com elas as tardes de estudo foram mais leves e as produções científicas mais ricas.

Agradeço a minha colega Débora Fava de Mello pela troca de experiências e de vivências, tanto clínicas quanto pessoais. Juntas nós realizamos nossas coletas, motivando e auxiliando uma a outra.

Agradeço a todos os colegas e membros do Grupo do Programa Nacional de Pós Doutorado (PNPD) da Psicologia da PUCRS - Janaína Thaís Barbosa Pacheco, Silvana de Oliveira Corrêa Oliveira, Aline Martins, Juliana Colomby e Priscila da Silva Dietrich. Também aos auxiliares de pesquisa Pedro de Castro Tedesco e Cristiana Mendelli Garber, por me acompanharem nas coletas de dados, tornando as visitas as escolas mais descontraídas.

Às minhas grandes amigas, Danny Bittencourt, Marcela Angheben e Vanessa Becker Bender, pelo entendimento da minha ausência em alguns momentos, pela atenção e carinho, pelos ombros e ouvidos amigos, pelos momentos “relax” e divertidíssimos que me proporcionaram durante este ano.

RESUMO

A presença de maus tratos na infância está relacionada ao pior funcionamento cognitivo em adolescentes. Além disso, os eventos estressores vivenciados na adolescência são fatores que também influenciam, de forma prejudicial, o funcionamento cognitivo e o desempenho acadêmico. A fim de investigar se existe associação entre maus tratos sofridos na infância, eventos estressores experienciados na adolescência, funcionamento executivo e desempenho escolar de adolescentes, esta dissertação teve um delineamento transversal correlacional e é composta por dois estudos empíricos, apresentados na forma de artigos. Em ambos os estudos, os participantes foram adolescentes, estudantes de sete escolas públicas de Porto Alegre, com idades entre 12 e 18 anos, identificados a partir da coleta de dados realizada por um dos projetos do Programa Nacional de Pós Doutorado em Psicologia da PUCRS. Este programa tem por objetivo investigar os efeitos da exposição a maus tratos sobre a cognição e a expressão de psicopatologia na adolescência, na adultez e na velhice. Dentre os 613 adolescentes que participaram da pesquisa do PNPd, a amostra do presente estudo englobou 83 alunos que foram divididos em dois grupos: presença de maus tratos na infância (Grupo Caso) e ausência de maus tratos na infância (Grupo Controle). Os participantes foram avaliados, individualmente, em suas escolas. Para coleta dos dados, foram aplicados o Subteste Aritmética e dígitos da WISC-III ou do WAIS-III, TMT, Teste Hayling e tarefa de fluência verbal (FAS), subtestes Cubos e Vocabulário da WISC-III ou do WAIS-III, Inventário de Eventos Estressores na Adolescência, *Childhood Trauma Questionnaire* (CTQ), Ficha de Dados Sociodemográficos e Critério de Classificação Econômica Brasil. No primeiro estudo, o grupo caso foi dividido em dois subgrupos, participantes que tiveram a presença de apenas um único tipo de maus tratos na infância (abuso sexual, emocional, físico, negligência física ou emocional), e os que tiveram a presença de múltiplos tipos de maus tratos na infância. Já no segundo estudo, os grupos foram divididos entre os alunos que tiveram uma repetição de ano na escola e os que não tiveram. Para a avaliação do desempenho acadêmico, foram utilizadas as notas das matérias de Português, Matemática, História e Geografia do boletim escolar do ano anterior. Verificou-se que os adolescentes que sofreram maus tratos na infância obtiveram pior desempenho nos componentes de flexibilidade cognitiva, velocidade de processamento visual, capacidade de iniciação e velocidade de processamento verbal. Além disso, os alunos que repetiram de ano vivenciaram mais eventos estressores na adolescência, tiraram piores notas e tiveram um pior

funcionamento executivo, quando comparados com os que não repetiram de ano. De forma geral, esses resultados apontam para a relação entre a vivência de maus tratos na infância e de eventos estressores na adolescência e um pior funcionamento executivo e desempenho escolar.

Palavras-Chaves: maus tratos, eventos estressores, funções executivas, desempenho acadêmico.

Área conforme a classificação do CNPq: 7.07.00.00-1- Psicologia

Sub-área conforme classificação do CNPq: 70706000 – Psicologia Cognitiva

ABSTRACT

The presence of childhood maltreatment is related to worse cognitive functioning in adolescents. In addition, stressful events experienced during adolescence are also factors that influence negatively, cognitive functioning and academic performance. In order to investigate the association between maltreatment suffered in childhood, stressful events experienced during adolescence, executive functioning and school performance of teenagers, this dissertation had a correlational and cross-sectional design and consists of two empirical studies, presented in the form of articles. In both studies, participants were teenagers, students from seven public schools in Porto Alegre, aged between 12 and 18 years, identified from data collection performed by one of the projects developed by the Post Doctoral in Psychology Program at PUCRS. This program aims to investigate the effects of exposure to maltreatment on cognition and the expression of psychopathology in adolescence, adulthood and old age. The sample of this study included 83 adolescents who were divided into two groups: presence of childhood maltreatment (case group) and absence of childhood maltreatment (Control Group). Participants were assessed individually at their schools. For data collection, the following instruments were applied: Arithmetic Subtest digits of the WISC-III or WAIS-III, TMT, Hayling Test and verbal fluency (FAS), and Vocabulary subtests of the WISC-III or WAIS-III, Events Inventory Stressors in Adolescence, Childhood Trauma Questionnaire (CTQ), Data Sheet Sociodemographic and Economic Classification Criterion Brazil. In the first study, the group was divided into two subgroups: participants who had the presence of only a single type of child maltreatment (sexual abuse, emotional, physical, emotional or physical neglect), and those who had the presence of multiple types of childhood maltreatment. In the second study, the groups were divided between students who have had a grade repetition at school, and those who had not. For the evaluation of academic performance, we used the grades of Portuguese, Mathematics, History and Geography of the previous year's report card. It was found that adolescents who experienced childhood maltreatment had worse performance in executive functions. Students who have repeated the school year had experienced more stressful events during adolescence, had poorer grades and worse executive performance, when compared to those who did not repeat the school year. In addition, the students who have grade repetition had experienced more stressful events in adolescence, had lower grades and had worse executive functioning, when compared to those who did not repeat a school year. Overall, these results point to a relationship between the

experiences of childhood maltreatment and stressful events during adolescence and a poor executive functioning and academic performance related to.

Key Words: maltreatment, stressful events, executive function, academic performance.

RELAÇÃO DE TABELAS

Tabela 1. Caracterização da amostra quanto à série, idade, quociente de inteligência

Tabela 2. Desempenho nos testes de funções executivas de acordo com os grupos.

Tabela 3. Caracterização da amostra de acordo com os grupos de repetentes e não repetentes.

Tabela 4. Comparação entre os grupos com e sem repetência em relação ao QI Estimado, Desempenho acadêmico e Eventos Estressores na Adolescência.

Tabela 5. Questões do Inventário de Eventos Estressores na Adolescência que mostraram diferença significativa entre os grupos.

Tabela 6. Percentual de impacto dos eventos estressores com diferença significativa entre os grupos.

Tabela 7. Desempenho em tarefas de Funções Executivas e memória semântica de acordo com os grupos com e sem repetência.

SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO.....	12
1.1 TEMÁTICA DA DISSERTAÇÃO.....	12
1.2 JUSTIFICATIVA	15
1.3 OBJETIVOS.....	16
1.4 PROBLEMA/HIPÓTESES E QUESTÕES DA PESQUISA.....	17
1.5 CONTEXTO/CAMPO DA PESQUISA.....	18
1.6 MÉTODO	18
1.6.1. DELINEAMENTO	18
1.6.2 POPULAÇÃO	18
1.6.3 PARTICIPANTES.....	19
1.6.4 INSTRUMENTOS	19
1.6.4.1 Dados sociodemográficos e nível socioeconômico	19
1.6.4.2 Avaliação de Maus Tratos na Infância.....	20
1.6.4.3 Avaliação das Funções Executivas e da Inteligência.....	20
1.6.4.4 Avaliação da Inteligência.....	21
1.6.4.5 Avaliação dos Eventos Estressores	21
1.6.4.6 Avaliação do Desempenho Escolar	22
1.6.5 PROCEDIMENTOS.....	22
1.6.5.1 COLETA DE DADOS.....	22
1.6.5.1 ANÁLISE DE DADOS	23
1.7 REFERÊNCIAS.....	25
2. ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO	32
2.1 ESTUDO 1: MAUS TRATOS NA INFÂNCIA E FUNÇÕES EXECUTIVAS EM ADOLESCENTES.....	33
2.2 ESTUDO 2: EVENTOS ESTRESSORES NA ADOLESCÊNCIA, FUNCIONAMENTO EXECUTIVO E DESEMPENHO ACADÊMICO EM ADOLESCENTES.....	61
3. CONSIDERAÇÕES FINAIS	89
4. ANEXOS.....	91
ANEXO A TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	91
ANEXO B TERMO DE ASSENTIMENTO	92

ANEXO C CARTA DE APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA DA PUCRS ...	93
ANEXO D FICHA DE DADOS SOCIODEMOGRÁFICOS	95
ANEXO E CRITÉRIO DE CLASSIFICAÇÃO ECONÔMICA BRASIL.....	96
ANEXO F CTQ.....	97
ANEXO G TESTE DE FLUÊNCIA VERBAL (FAS).....	98
ANEXO H TRAIL MAKING TEST.....	99
ANEXO I HAYLING TEST	103
ANEXO J INVENTÁRIO DE EVENTOS ESTRESSORES NA ADOLESCÊNCIA	105

1. INTRODUÇÃO

1.1 Temática da dissertação

Maus tratos é um termo que define todas as formas de tratamentos abusivos ou negligentes, sejam esses de natureza física, emocional, sexual, ou também qualquer outro tipo de exploração (Organização Mundial da Saúde, 1996). A expressão dos maus tratos envolve toda ação ou omissão que prejudique o bem-estar, a integridade física, psicológica ou a liberdade e o direito ao pleno desenvolvimento psicológico (Ministério da Saúde, 2002). Bernstein et al. (1994) elaborou um constructo que engloba cinco fatores que caracterizam esse termo: experiências traumáticas de abuso sexual, abuso físico, abuso emocional, negligência física e negligência emocional.

O abuso sexual na infância é definido como conduta sexual entre uma criança menor de 18 anos e um adulto ou pessoa mais velha. O abuso físico é conceituado como agressões corporais em uma criança, realizadas por um adulto ou pessoa mais velha, que gerem riscos ou ferimentos. O abuso emocional diz respeito a agressões verbais ou humilhações ou comportamento degradante direcionado à criança, realizados por um adulto ou pessoa mais velha. A negligência física é definida como o fracasso dos cuidadores ao fornecer à criança as necessidades básicas, tais como comida, abrigo, roupas, segurança e assistência médica. A privação da supervisão dos pais às crianças também é incluída nessa definição, uma vez que coloca a segurança dessas em risco. A negligência emocional é caracterizada pelo fracasso dos cuidadores em alimentar as necessidades emocionais e psicológicas das crianças, incluindo amor, pertença, nutrição e apoio (Bernstein et al., 1994; 1997).

Essas diferentes formas de negligência e de abuso podem ser experienciadas como traumáticas pelas crianças, gerando prejuízos emocionais, cognitivos e comportamentais (Famularo, Fenton, Kinscherff, & Augustyn, 1996; Paolucci, Genuis, & Violato, 2001; Tyler, 2002). Dependendo da época da vida em que esses eventos traumáticos ocorrem, eles podem influenciar na construção da personalidade do indivíduo e no desenvolvimento cerebral deste (Bremner et al., 2004; Teicher et al., 2004). Estudos mostram que os maus tratos podem causar alterações nas estruturas cerebrais e nas suas funções devido à hiperativação crônica dos sistemas neurais de respostas ao estresse (Bremner, 1999; Glaser, 2000), sendo associados a um impacto negativo do desenvolvimento cerebral da criança, gerando consequências no cérebro adulto (De Bellis, 2005). Nesses casos, pesquisas de neuroimagem

indicam a presença de alterações no hipocampo, hipotálamo, amígdala, córtex pré-frontal e giro cingulado anterior (Bremner, 1999; Bremner et al., 2004; Wignall et al., 2004). Essas regiões estão implicadas na regulação emocional, aprendizagem, memória, atenção e controle executivo (Horner & Hamner, 2002). Os déficits neurocognitivos que refletem essas regiões sensíveis ao estresse incluem também a inteligência e o desempenho acadêmico (De Bellis, Hooper, Spratt, & Woolley, 2009).

Inúmeros processos cognitivos parecem estar afetados pelos maus tratos infantis, assim como os que envolvem a regulação emocional (Lee & Hoaken, 2007). Os estudos psicológicos a respeito desse tema indicam que pode existir um déficit nas funções cognitivas dos indivíduos vítimas de maus tratos na infância quando comparados com indivíduos sem experiência de trauma nessa fase da vida (De Bellis et al., 2009). Esses eventos estressores na infância também podem resultar em deficiências cognitivas, como maior dificuldade de concentração, pouca motivação (Carlson & Kashani, 1988; Manly, Cicchetti, & Barnett, 1994), comprometimento na memória de curto-prazo (Lauer et al., 1994), maior impulsividade e comprometimento nas funções executivas (Manly et al., 1994). Essas deficiências revertem-se tanto em um reduzido desempenho em tarefas escolares formais, quanto nos testes quanto nas atividades do cotidiano (Sladea & Wissow, 2007).

Em um estudo de Beers e De Bellis (2002), as alterações cognitivas ocasionadas pela vivência de maus tratos, em geral foram associadas às disfunções de memória, de atenção e de funções executivas. As funções executivas estão envolvidas na regulação do comportamento e apresentam componentes distintos, como vontade, planejamento, ação intencional, autorregulação e desempenho efetivo em um comportamento dirigido a objetivos (Lezak, 1995; Lezak, Howieson & Loring, 2004). Segundo Chan et al. (2008), todos esses processos estão direcionados à resolução de problemas. Crianças pré-púberes que sofreram negligência e abuso apresentam diminuição na performance das funções executivas em teste neuropsicológicos, incluindo as medidas de atenção, respostas adaptativas de inibição e flexibilidade cognitiva (Beers & De Bellis, 2002; De Bellis, et al., 2009; DePrince, Weinzierl, & Combs, 2009; Nolin & Ethier, 2007; Pears & Fisher, 2005; Prasad, Kramer, & Ewing-Cobbs, 2005).

As funções executivas emergem na infância e continuam a se desenvolver na adolescência (Sun, Mohay, & O'Callaghan, 2009). A literatura refere que há relação entre as funções executivas e o lobo frontal, sugerindo que a avaliação dos componentes cognitivos na infância e na adolescência alude à maturação dessa região cortical (Tamnes et al., 2010).

Outras regiões cerebrais distintas como alguns núcleos da base, o tálamo, as estruturas límbicas e as vias que conectam essas regiões também são relacionadas a essas funções (Stuss & Levine, 2002). Estudos indicam que pode haver uma associação direta entre severidade de maus tratos e prejuízo nas funções executivas (Brennan, 2003; DePrince, Weinzierl & Combs, 2009; Fishbein et al., 2009). Da mesma forma, pesquisas que comparam grupos com e sem história de maus tratos na infância apontam que as crianças vítimas de maus tratos apresentam decréscimos em tarefas que envolvem as funções executivas (Beers & De Bellis, 2002; De Bellis et al., 2009; Hughes, Zagar, Busch, Grove & Arbit, 2009; Mezzacappa, 2001; Nolin, 2009; Nolin & Ethier, 2007).

Os maus tratos infantis têm sido apontados como um dos fatores que podem atrasar o progresso acadêmico dos estudantes (Erickson, Egeland & Pianta, 1989; Eckenrode, Laird, & Doris, 1993; Kurtz, Gaudin, Wodarski & Howing, 1993; Kendall-Tackett & Eckenrode, 1996; Rowe & Eckenrode, 1999; Shonk & Cicchetti, 2001). O estudo de Eckenrode, Laird e Doris (1993) examinou os registros escolares de crianças com e sem história de maus tratos na infância. Foi verificado pelos autores que aquelas que sofreram abuso físico e negligência apresentaram um padrão mais significativo de baixos escores nos testes de leitura e de matemática, mais repetições de séries escolares, notas mais baixas e maior incidência de problemas de disciplina do que as crianças que não sofreram maus tratos. As alterações no âmbito do aprendizado envolvem maior dificuldade de concentração (Carlson & Kashani, 1988; Manly et al., 1994), pouca motivação (Carlson & Kashani, 1988; Shonk & Cicchetti, 2001), memória de curto prazo prejudicada (Lauer, et al., 1994), alta impulsividade e funções executivas deficientes (Manly et al., 1994).

Strathearn (2001) verificou, ainda, que a negligência dos pais na supervisão dos filhos durante a infância foi associada a um desenvolvimento intelectual significativamente inferior, a efeitos persistentes de baixo Quociente de Inteligência (QI) e a baixo desempenho acadêmico quando adultos. No estudo de Paolucci et al. (2001), os autores enfatizam seis possíveis efeitos gerados pelo abuso sexual, esses são o baixo desempenho acadêmico, o transtorno de estresse pós-traumático, a depressão, o suicídio, a promiscuidade sexual e o ciclo vítima-perpetrador sexual.

Além dos maus tratos sofridos na infância, os estressores vitais e o acúmulo de pequenos estressores diários também podem ser associados a transtornos psicológicos e físicos (Felsten, 2002). Os estressores vitais relacionados a catástrofes e tragédias, como estupro, morte e acidentes, são mudanças ou perturbações que trazem impacto significativo

para a vida das pessoas. Já os acontecimentos diários menores, por sua vez, são situações corriqueiras, como esperar em filas ou discussões com amigos e colegas (Gazzaniga & Heatherton, 2007).

Um evento estressor é caracterizado como um estímulo que ameaça o organismo, gerando, como consequência, um padrão de respostas físicas que o corpo utiliza para evitar ou escapar de uma condição avaliada como adversa (Gazzaniga & Heatherton, 2007). Segundo Kristensen, Caminha e Silveira (2007), a situação estressora de violência pode prejudicar o desenvolvimento da criança acarretando prejuízos cognitivos, psicológicos, comportamentais e sociais. Nas últimas décadas, foram reunidas evidências empíricas que demonstraram como eventos estressores traumáticos ocorridos na infância (De Bellis et al., 2009; Flores, Kristensen, & Salzano, 1998) e na adolescência (Beers & De Bellis, 2002; Kristensen, Dell’Aglío, & D’Incao, 2004) são relativamente comuns e afetam o desenvolvimento do indivíduo (Cicchetti & Toth, 2005; Perrin, Smith, & Yule, 2000). O estímulo estressor acarreta prejuízos à pessoa, alterando sua qualidade de vida e também ocasionando danos diretos ao processo de aprendizagem (Lipp & Novaes, 2000).

De acordo com o exposto, verificou-se a importância de investigar este tema. A maioria dos estudos sobre maus tratos concentram-se na população de crianças e de adultos (Borges & Dell’Aglío, 2009; Dannlowski et al., 2012; DePrince, et al. 2009; Fishbeinet al., 2008; Lupien, McEwen, Gunnar, & Heim, 2009; Yates, Carlson, & Egeland, 2008), havendo poucos estudos referentes a faixa etária de adolescentes. Outra limitação dos estudos é de que estes avaliam indivíduos com transtornos psiquiátricos, predominantemente com transtorno de estresse pós-traumático (TEPT) (Borges & Dell’Aglío, 2009; De Bellis et al., 2009; De Bellis et al., 2010) e, muitas vezes, não comparam grupos com a presença e ausência de maus tratos na infância (Brennan, 2003; DePrince et al., 2009; Fishbein et al., 2009). Nessa perspectiva, o principal objetivo deste estudo é verificar se existe associação entre maus tratos sofridos na infância, eventos estressores experienciados na adolescência, funcionamento executivo e desempenho escolar de adolescentes.

1.2 JUSTIFICATIVA

O estudo das consequências dos maus tratos sofridos na infância vem crescendo no meio científico, porém um número significativo de crianças continua sendo vítima de alguma forma de maus tratos. É de grande importância pesquisar sobre a prevalência, as causas e as

implicações dos maus tratos infantis no âmbito desenvolvimental e de suas consequências a longo prazo. No entanto, pesquisas que foquem especificamente maus tratos na infância, funções executivas, eventos estressores e desempenho acadêmico em adolescentes ainda são escassas no contexto científico brasileiro.

Através deste estudo, pretende-se contribuir para gerar conhecimentos aplicados relacionados ao tema e fomentar políticas de prevenção contra os maus tratos na infância. Se for possível relacionar a vivência de maus tratos na infância e/ou eventos estressores na adolescência ao baixo desempenho escolar e ao pior funcionamento executivo de adolescentes, uma fundamentação científica poderá respaldar as políticas de prevenção quanto ao cuidado básico nas famílias desses participantes. A caracterização do perfil cognitivo e do desempenho acadêmico proporcionará uma base de conhecimento sólido para o fortalecimento de modelos de prevenção a essa forma de violência na infância. Além disso, a reabilitação cognitiva poderá ser outra ferramenta importante no atendimento a esses adolescentes associada ao tratamento convencional.

De acordo com um estudo realizado por De Bellis et al. (2009), crianças negligenciadas apresentam redução em QI, linguagem visuoespacial, memória, atenção e funções executivas, além disso, demonstram pior desempenho acadêmico (Beers & De Bellis, 2002). A investigação tardia dos danos dos maus tratos e dos eventos estressores tem evidenciado a gravidade desse assunto. Uma vez que o professor tiver maior consciência deste tema, poderá responder de forma mais efetiva com os alunos que apresentam pouca motivação, baixo desempenho escolar e dificuldades comportamentais. A investigação da relação entre maus tratos, funções executivas, eventos estressores e desempenho acadêmico é de grande importância, visto que o baixo desempenho nessas áreas podem gerar consequências negativas como um baixo QI, repetências acadêmicas, baixa percepção de autoeficácia e baixa autoestima nos adolescentes.

1.3 OBJETIVOS

1.3.1 Objetivo geral

Investigar se existe associação entre maus tratos sofridos na infância, eventos estressores experienciados na adolescência, funcionamento executivo e desempenho escolar de adolescentes.

1.3.2 Objetivos específicos

Comparar adolescentes com a presença de um tipo único de maus tratos, com múltiplos tipos de maus tratos e os sem história de maus tratos na infância em relação às seguintes variáveis: funções executivas;

Comparar os adolescentes que tiveram pelo menos uma repetência escolar com os que não tiveram em relação às respectivas variáveis: funções executivas, eventos estressores na adolescência e desempenho escolar;

Caracterizar o funcionamento executivo em adolescentes com história de maus tratos únicos, múltiplos e sem história de maus tratos;

Caracterizar o desempenho escolar, o funcionamento executivo e os eventos estressores em adolescentes com e sem histórico de repetência escolar.

1.4. PROBLEMA / HIPÓTESE E QUESTÕES DA PESQUISA

Problema 1

Existe associação entre maus tratos sofridos na infância e funcionamento executivo em adolescentes?

Ho: Maus tratos sofridos na infância não estão associados ao funcionamento executivo em adolescentes.

HI: Maus tratos sofridos na infância estão associados a um pior funcionamento executivo em adolescentes.

Problema 2

Existe associação entre eventos estressores sofridos na adolescência, funcionamento executivo, repetência acadêmica e desempenho escolar de adolescentes?

Ho: Eventos estressores sofridos na adolescência não estão associados com funcionamento executivo, repetência acadêmica e desempenho escolar de adolescentes.

HI: Eventos estressores sofridos na adolescência estão associados a um pior funcionamento executivo, a mais repetências acadêmicas e a um pior desempenho escolar de adolescentes.

1.5. DO CONTEXTO / CAMPO DE PESQUISA

A presente pesquisa deriva do Programa Nacional de Pós Doutorado (PNPD) do Programa de Pós Graduação de Psicologia da PUCRS, que tem por objetivo investigar os efeitos da exposição a maus tratos sobre a cognição e a expressão de psicopatologia na adolescência, na adultez e na velhice. O Projeto PNPD já foi encaminhado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da PUCRS, sob o número 099/11.

A amostra de adolescentes deste projeto do PNPD foi recrutada em sete Escolas de Ensino Fundamental e Médio completos, da rede pública de Porto Alegre. O critério para inclusão da escola neste estudo foi possuir Ensino Fundamental e Médio completos. Em cada instituição, foi sorteada uma turma por série a partir da 6ª série do Ensino Fundamental até o 3º ano do Ensino Médio, para participar da pesquisa.

1.6. MÉTODO

1.6.1 Delineamento

Trata-se de um estudo transversal e correlacional.

1.6.2 População

Os participantes deste estudo foram adolescentes com idade entre 12 e 18 anos, identificados a partir da coleta de dados realizada por um dos projetos do PNPD. A amostra de adolescentes deste projeto foi recrutada em Escolas de Ensino Fundamental e Médio completos, da rede pública de Porto Alegre. As instituições que participaram dessa amostra foram selecionadas de forma aleatória, através de sorteio. O critério para inclusão da escola neste estudo foi de possuir Ensino Fundamental e Médio completos. Em cada instituição, foi sorteada uma turma por série a partir da 6ª série do Ensino Fundamental até o 3º ano do Ensino Médio.

A coleta de dados do PNPD foi composta por instrumentos autoaplicáveis, incluindo uma ficha de dados sociodemográficos, o Critério de Classificação Econômica Brasil (ABEP, 2008) e o *Childhood Trauma Questionnaire* – CTQ (Grassi-Oliveira, Stein, & Pezzi, 2006).

Essa investigação foi realizada coletivamente na própria sala de aula ou em local designado pela escola.

1.6.3 Participantes

Dentre os 613 adolescentes que participaram do estudo do PNPd, a amostra do presente estudo englobou 83 adolescentes, que foram divididos em dois grupos: presença de maus tratos na infância (Grupo Caso) e ausência de maus tratos na infância (Grupo Controle). Os critérios de inclusão para o Grupo Caso foram: (a) histórico de maus tratos, identificados por uma pontuação que varia de três a quatro pontos nas subescalas de abuso sexual, abuso físico, abuso emocional, negligência física ou emocional do instrumento de avaliação de maus tratos do CTQ; (b) concordar em participar da pesquisa ou sua participação ser autorizada por seus pais ou responsáveis legais e (c) ter idade entre 12 anos a 18 anos. O Grupo Controle teve os seguintes critérios de inclusão: (a) ausência de história de maus tratos na infância, que corresponde a um escore de um ou dois pontos no CTQ; (b) concordar em participar da pesquisa ou sua participação ser autorizada por seus pais ou responsáveis legais e (c) ter idade entre 12 anos a 18 anos. Os indivíduos foram pareados em relação à série e sexo. Os adolescentes do Grupo Caso e do Grupo Controle foram selecionados por conveniência entre os participantes do estudo do PNPd. Os critérios de exclusão foram os seguintes: (a) presença de transtornos mentais graves, como presença de sintomas psicóticos e retardo mental grave, avaliados durante a entrevista. Nesta amostra, nenhum aluno foi excluído da pesquisa.

1.6.4 Instrumentos

1.6.4.1 Dados sociodemográficos e nível socioeconômico

Ficha de Dados Sociodemográficos. Questionário composto por questões que investigavam sobre variáveis sociodemográficas, como idade, sexo, série, número de irmãos, repetência e número de repetências, idade dos pais, número de irmãos e com quem o indivíduo reside.

Critério de Classificação Econômica Brasil. É um instrumento que avalia o nível socioeconômico e o grau de instrução do chefe da família de acordo com o sistema de pontos do Critério Brasil (ABEP, 2008).

1.6.4.2 Avaliação de Maus Tratos na Infância

Childhood Trauma Questionnaire (CTQ). Utilizou-se a versão em português validada por Grassi-Oliveira et al. (2006). Trata-se de uma medida de autorrelato que busca avaliar a presença de histórico de situações de abuso ou negligência durante a infância do indivíduo. Cinco subescalas compõem o instrumento, sendo elas: abuso sexual, abuso físico, abuso emocional, negligência física e negligência emocional.

1.6.4.3 Avaliação das Funções Executivas

Subteste Aritmética e dígitos da escala de Inteligência Wechsler para crianças (WISC-III) ou da escala de Inteligência Wechsler para adultos (WAIS-III). Nos adolescentes de 12 anos a 15 anos e 11 meses de idade, foi aplicado o WISC-III (Wechsler, 1991) e, nos participantes com idades de 16 anos e 11 meses de idade a 18 anos, foi aplicado o WAIS-III (Nascimento, 2004). O subteste Aritmética avalia a capacidade de cálculo mental, a compreensão de enunciados verbais de certa complexidade e a capacidade de raciocínio, sendo uma medida sensível da memória operacional (Groth-Marnat, 2000; Wechsler, 2005). O subteste dígitos avalia a memória de trabalho, sendo este composto por uma sequência de números, enunciada direta e inversamente (Groth-Marnat, 2000; Wechsler, 2005).

FAS" Oral Word Association Test. É utilizado para a avaliação de fluência verbal, que também é uma medida sensível de funções executivas (Strauss, Sherman, & Spreen, 2006). O indivíduo é convidado a citar palavras começando com as letras F, A e S, tantas quantas forem possíveis, em três tentativas de 60 segundos. Os dados normativos ainda são escassos, mas já existem estudos comparativos de grupos casos com controles (Silveira, Passos, Santos, & Chiappetta, 2009). A letra "F" foi escolhida por apresentar maior frequência no português do Brasil, junto com as letras "C, P, M e L" (Schaufelberger et al., 2005). No Brasil, existe um instrumento normatizado que avalia a letra F isoladamente (Fonseca, Salles, & Parente, 2008).

Trail Making Test (TMT). Avalia a atenção, flexibilidade mental, velocidade de processamento visual e função motora (Lezak et al., 2004). Consiste de duas etapas. Na primeira etapa, Parte A, a pessoa deve desenhar, com um lápis ou uma caneta, uma linha conectando a série de números dispostos em círculos ao acaso em sequência numérica, realizando uma verificação visual simples. Na segunda, Parte B, adiciona-se a dimensão de flexibilidade cognitiva, pois a pessoa deve ligar números e letras, dentro de círculos em sequências alternadas, em ordem crescente. O critério de correção é o tempo, em segundos, e, quanto maior o tempo utilizado para concluir cada parte, pior será o desempenho. Este teste possui normatização para a população brasileira por Montiel e Seabra (2009).

Teste de Hayling. Avalia principalmente a velocidade de iniciação e o processo de inibição. Trata-se de um teste de complemento verbal organizado em duas partes (A e B), cada uma composta de 15 sentenças, nas quais a última palavra está omitida. Na primeira parte, o examinador lê cada sentença em voz alta, e o examinando precisa completar a sentença, o mais rápido possível, com uma palavra que complete a frase e lhe dê sentido. Na segunda parte, o examinador lê cada sentença em voz alta, e o examinando precisa completar a sentença o mais rápido possível, com uma palavra que não tenha sentido (Abusamra, Miranda, & Ferreres, 2007). Foi utilizada a versão adaptada do Hayling Test, que, no momento, encontra-se em processo de normatização na população de adolescentes brasileiros (Siqueira, Scherer, Reppold, & Fonseca, 2010).

1.6.4.4 Avaliação da Inteligência

Para avaliação de uma estimativa abreviada da inteligência foram utilizados os subtestes Cubos e Vocabulário do WISC-III e do WAIS-III. O resultado bruto desses subtestes foi avaliado de acordo com cada faixa etária e convertido em escores ponderados, conforme proposto nos manuais dos testes.

1.6.4.5 Avaliação dos Eventos Estressores

Inventário de Eventos Estressores na Adolescência. Para avaliar os eventos de vida estressores foi utilizada uma adaptação do Inventário de Eventos Estressores na Adolescência (IEEA) (Abreu et al., 2001; Ferlin, Lima, Alchieri, Kristensen, & Flores, 2000). A versão adaptada consiste de 64 itens na forma de eventos de vida estressores, cujas respostas devem

ser assinaladas na alternativa “sim”, se o evento ocorreu, ou “não”, se o evento não ocorreu. Caso o evento tenha ocorrido, o indivíduo indica o impacto atribuído ao evento através de uma escala Likert de cinco pontos (1 = baixo impacto, 5 = elevado impacto, por exemplo). No estudo inicial, realizado com 776 adolescentes ($M = 14,7$ anos) na região metropolitana de Porto Alegre, o IEEA apresentou elevada consistência interna (alfa de Cronbach =.95). Para descrever as propriedades psicométricas do IEEA, a análise do instrumento será separada para os escores de frequência e impacto.

1. 6.4.6 Avaliação do Desempenho Escolar

Boletim Escolar. O desempenho em diferentes disciplinas foi considerado de acordo com a nota final obtida pelo aluno das matérias de português, matemática, história e geografia, variando de 0 a 10 pontos. O desempenho final de cada um dos participantes foi avaliado considerando a presença de aprovação ou de reprovação do aluno ao final do ano letivo, através dos dados da ficha sociodemográfica, aplicada pelo PNPd.

1.6.5 Procedimentos

1.6.5.1 Coleta de dados

Primeiramente, o projeto de pesquisa foi submetido e aprovado pela Comissão Científica da Faculdade de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e pelo Comitê de Ética da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, sob o número 099/11. Todos os adolescentes que tiverem um escore sugestivo de presença de maus tratos na infância, verificados através dos dados estudo do PNPd, foram convidados a participar da pesquisa, constituindo o Grupo Caso. Para formar o Grupo Controle, foram pareados os dados de sexo e série dos participantes do Grupo Caso. O TCLE foi assinado pelos responsáveis dos adolescentes e Termo de Assentimento pelos participantes.

Os participantes do Grupo Caso e do Grupo Controle foram avaliados de forma individual por um avaliador treinado na aplicação de instrumentos neuropsicológicos, com a duração média de 90 min. A coleta ocorreu em sete escolas públicas da cidade de Porto Alegre, as quais cederam um espaço dentro de cada instituição para que a avaliação ocorresse com seus alunos. Esses espaços em que a coleta se deu, normalmente, foram na sala da

biblioteca, na sala dos professores ou na sala do Serviço de orientação educacional (SOE). A condição para a escolha do local em que o aluno de cada escola seria avaliado individualmente foi de que esse espaço fosse silencioso, iluminado e pudesse ser exclusivo do avaliador e do aluno no período da testagem, sem interferências exteriores.

A aplicação dos instrumentos foi realizada na seguinte ordem: (1) avaliação das funções executivas, (2) da inteligência, (3) dos eventos estressores e (4) do desempenho acadêmico. Os instrumentos para a avaliação das funções executivas seguiram a seguinte ordenação: Subteste Aritmética e dígitos do WISC-III ou do WAIS-III, TMT, Teste de Hayling, FAS Oral Word Association Test. Para a avaliação da inteligência serão aplicados os subtestes Cubos e Vocabulário do WISC-III ou do WAIS-III. O instrumento utilizado para a avaliação dos eventos estressores foi o Questionário de Eventos Estressores na Adolescência, aplicado após a bateria de testes neuropsicológicos. Os demais instrumentos CTQ, Ficha de Dados Sociodemográficos e Critério de Classificação Econômica Brasil já haviam sido aplicados, uma vez que constavam na pesquisa do projeto PNPD na primeira fase da coleta de dados. As notas do boletim escolar dos alunos, referentes à medida de avaliação do desempenho acadêmico, foram solicitadas à coordenação da escola após a finalização da aplicação dos demais instrumentos. Os participantes foram identificados apenas por números, a fim do avaliador não identificar se o participante era do grupo Caso ou Controle.

Ao final da coleta, na entrevista de devolução à escola, orientou-se que os participantes identificados com histórico de maus tratos na infância fossem encaminhados para o Núcleo de Estudos e Pesquisa em Trauma e Estresse (NEPTE) da PUCRS. O NEPTE é um serviço ambulatorial gratuito que se localiza na PUCRS e tem por objetivo oferecer tratamento para pacientes vítimas de trauma. Além disso, foi oferecida uma lista com locais de atendimento psicológico gratuito ou de acordo com a renda do paciente.

1.6.5.2. ANÁLISE DOS DADOS

Para analisar os participantes que sofreram maus tratos no desempenho das demais variáveis, optou-se por dividir o grupo caso em dois subgrupos: os participantes que tiveram a presença de apenas um tipo de maus tratos na infância, ou seja, que pontuaram no CTQ três ou quatro em apenas um subtipo de maus tratos e os que tiveram a presença de múltiplos tipos de maus tratos na infância, isto é, indivíduos que obtiveram essa pontuação em dois ou

mais subtipos de maus tratos Dessa forma, comparou-se o Grupo Controle, constituído por participantes que pontuaram um ou dois no CTQ, que não tinham histórico de maus tratos na infância, com os dois Grupos Casos. Já na avaliação dos participantes que sofreram eventos estressores na adolescência, os grupos foram divididos entre aqueles que haviam repetido de série em algum momento no colégio e aqueles que nunca tiveram uma repetência acadêmica.

As correções de cada instrumento seguiram as instruções dos respectivos manuais. Nos testes em que não existem dados normativos para a população brasileira dos escores de determinados testes ou tarefas, foram utilizados os escores brutos. A correção dos instrumentos foi realizada por duas profissionais, e quando houve alguma dúvida quanto à apuração dos escores, uma terceira avaliadora foi convidada a atuar. Os dados foram organizados em um banco de dados, criado e analisado no programa Statistical Package for the Social Sciences (SPSS) for Windows 17.0. A descrição das variáveis foi realizada por meio das frequências absolutas e relativas para as categóricas, bem como da média e do desvio padrão para as contínuas.

A fim de responder aos objetivos do estudo, foram utilizados os seguintes testes estatísticos: Teste *t* de Student ou *one-way* ANOVA, para comparação de médias de dois ou mais grupos independentes: o grupo de indivíduos expostos a diferentes tipos múltiplos de maus tratos (negligência física, negligência emocional, abuso físico, abuso emocional e abuso sexual), o grupo com um único tipo de maus tratos e o grupo controle. Correlação linear de Pearson para as associações entre as variáveis contínuas que são os escores nos testes de funções executivas, o índice de desempenho das disciplinas escolares, os escores de frequência e de impacto no inventário de eventos estressores, capacidade intelectual a variáveis sociodemográficas; Teste qui-quadrado para a associação entre as variáveis categóricas, que foram o sexo dos participantes e as questões do Inventário de Eventos Estressores na Adolescência. Foram consideradas significativas as associações com valores de $p \leq 0,05$.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como principal objetivo investigar a relação entre os maus tratos sofridos na infância, os eventos estressores vivenciados na adolescência, o funcionamento executivo e o desempenho acadêmico de adolescentes. Conforme abordado ao longo da dissertação, os maus tratos na infância e os eventos estressores vivenciados na adolescência podem gerar alterações no funcionamento executivo. Além disso, os estressores experienciados na adolescência podem acarretar em um prejuízo acadêmico.

De uma forma geral, observou-se associação entre maus tratos na infância, avaliado pelo questionário de eventos estressores na infância (QUESI) e o funcionamento executivo em adolescentes. Os componentes que estavam alterados foram a flexibilidade cognitiva e a velocidade de processamento visual, quando comparados adolescentes com maus tratos múltiplos e controles, e a capacidade de iniciação e a velocidade de processamento verbal quando comparados adolescentes com maus tratos múltiplos e os demais grupos.

Os alunos que tiveram alguma repetência escolar apresentaram um desempenho inferior nas matérias de Matemática e Português, maior presença de eventos estressores na adolescência do que os alunos que nunca repetiram o ano. Além disso, obtiveram um pior desempenho no funcionamento executivo, principalmente nos subcomponentes fluência verbal e memória de trabalho.

Dessa forma, os maus tratos na infância parecem estar relacionados ao baixo desempenho nas funções executivas, assim como a presença dos eventos estressores na adolescência, podendo também estarem ligados ao pior desempenho no desempenho acadêmico.

Em face dos achados do presente estudo, há limitações a serem consideradas para a sua interpretação. No primeiro artigo, o número reduzido da amostra não possibilitou estudar a interação entre os diferentes subtipos dos maus tratos, não averiguando maiores diferenças no funcionamento executivo de acordo com o tipo da negligência ou do abuso vivenciado. Também deve ser ressaltada a falta de critérios de exclusão de adolescentes com transtornos psiquiátricos na amostra, pois a comorbidade psiquiátrica pode vir a ser um fator que contribua na piora do funcionamento executivo. Ainda em relação à avaliação neuropsicológica, a escolha dos instrumentos para a avaliação dos subcomponentes do funcionamento executivo, não contemplou os componentes de tomada de decisão e resolução de problemas, por exemplo. Já no segundo artigo, uma possível limitação é da amostra não

ter sido probabilística. Os participantes foram selecionados a partir dos critérios de inclusão de outro estudo, que avaliou adolescentes com e sem a presença de maus tratos na infância.

Através deste estudo, pretende-se gerar conhecimentos aplicados relacionados ao tema e fundamentar políticas de prevenção contra os maus tratos na infância e além disso, a reabilitação cognitiva poderá ser outra ferramenta importante no atendimento a esses adolescentes associada ao tratamento convencional. Já no âmbito escolar, almeja-se que, tanto os professores, quanto os pais, compreendam a relação entre os eventos estressores vivenciados na adolescência e sua consequência no baixo desempenho acadêmico e na presença de repetência escolar. Por outro lado, visar à compreensão que a repetência escolar possa ser vivida como um estressor pelo adolescente.

1.7 REFERÊNCIAS

- ABEP – Associação Brasileira das Empresas de Pesquisa. Critério de Classificação Econômica-Brasil. (2008). Disponível em: <http://www.abep.org.br> Acesso em: 12 jul. 2011.
- Beers, S. & De Bellis, M. D. (2002). Neuropsychological function in children with maltreatment-related posttraumatic stress disorder. *American Journal of Psychiatry*, 159(3), 483-486.
- Bernstein, D. P., Ahluvalia, T., Pogge, D., & Handelsman, L. (1997). Validity of the Childhood Trauma Questionnaire in an adolescent psychiatric population. *Journal of the American Academy of Child and Adolescent Psychiatry*, 36(3), 340–348.
- Bernstein, D. P., Fink, L., Handelsman, L., Foote, J., Lovejoy, M., Wenzel, et al. (1994). Initial reliability and validity of a new retrospective measure of child abuse and neglect. *American Journal of Psychiatry*, 151(9), 1132–1136.
- Borges, J. L., & Dell’Aglia, D. D. (2009). Relações entre abuso sexual na infância, transtorno de estresse pós-traumático (TEPT) e prejuízos cognitivos. *Psicologia em Estudo, Maringá*, 13(2), 371-379.
- Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Assistência à Saúde. Notificação de maus tratos contra crianças e adolescentes pelos profissionais de saúde: um passo a mais na cidadania em saúde. Brasília(DF): Ministério da Saúde; 2002. Disponível em (<http://portalsaude.saude.gov.br/portalsaude/>). Acesso em 16 abril de 2012.
- Bremner, J. D. (1999). Does stress damage the brain? *Biological Psychiatry*, 45(7), 797-805.

- Bremner, J. D., Vermetten, E., Vythilingam, M., Afzal, N., Schmahl, C., Elzinga, B., et al. (2004). Neural correlates of the classic color and emotional stroop in women with abuse-related posttraumatic stress disorder. *Biol Psychiatry*, *55*(6), 612-620.
- Brennan, S. G. C. (2003). The relationship between maltreatment in childhood and delinquency: An examination of IQ and executive functions. *Dissertation Abstracts International: Section B: The Sciences and Engineering*, 5505 (UMI No. 3071916).
- Carlson G. A., Kashani J. H. (1988). Phenomenology of major depression from childhood through adulthood: analysis of three studies. *The American Journal of Psychiatry*, *145*(10), 1222–1225.
- Chan, R.C.K., Huang, J., Guo, L., Cao, X., Hong, X., & Gao, Z. (2010). Executive control in schizophrenia in task involving semantic inhibition and working memory. *Psychiatry Research*, *179*(3), 259-266.
- Cicchetti, D. & Toth, S. L. (2005). Child maltreatment. *Annual Review of Clinical Psychology*, *1*(1), 409-438.
- Dannlowski, U.,Stuhrmann, D., Beutelmann, V., Zwanzger, P., Lenzen, T., Grotegerd, D., et al. (2012). Limbic Scars: Long-Term Consequences of Childhood Maltreatment Revealed by Functional and Structural Magnetic Resonance Imaging . *Biol. Psychiatry*,*71*(4), 286–293
- De Bellis, M. D. (2005). The psychobiology of neglect. *Child Maltreatment*, *10*(2), 150–172.
- De Bellis, M. D., Hooper, S. R., Spratt, E. G. & Woolley, D. P. (2009). Neuropsychological findings in childhood neglect and their relationships to pediatric PTSD. *Journal of the International Neuropsychological Society*, *15*(6), 868-878.
- De Bellis, M., Hooper, S. R., Woolley, D. P., Shenk, C. E. (2010). Demographic, Maltreatment, and Neurobiological Correlates of PTSD Symptoms in Children and Adolescents. *Journal of Pediatric Psychology*, *35*(5), 570-577.

- DePrince, A. P., Weinzierl, J. M. & Combs, M. D. (2009). Executive function performance and trauma exposure in a community sample of children. *Child Abuse and Neglect*, 33(6), 353-361.
- Eckenrode, J., Laird, M., & Doris, J. (1993). School performance and disciplinary problems among abused and neglected children. *Developmental Psychology*, 29(1), 53–62.
- Erickson, M., Egeland, B. & Pianta, R. (1989). The effects of maltreatment on the development of young children. In: Cicchetti, D.; Carlson, V., editors. *Child maltreatment: Theory and research on the causes and consequences of child abuse & neglect*. New York: Cambridge, University Press; p. 647-684.
- Famularo, R., Fenton, T., Kinscherff, R., & Augustyn, M. (1996). Psychiatric comorbidity in childhood post traumatic stress disorder. *Child Abuse & Neglect*, 20(10), 953-961.
- Felsten, G. (2002). Minor stressors and depressed mood: Reactivity is more strongly correlated than total stress. *Health and Stress*, 18(2), 75-81.
- Fishbein, D., Warner, T., Krebs, C., Trevarthen, N., Flannery, B. & Hammond, J. (2009). Differential relationships between personal and community stressors and children's neurocognitive functioning. *Child Maltreatment*, 14(4), 299-315.
- Flores, R. Z., Kristensen, C. H. & Salzano, F. M., (1998). Definir e medir: o que são abusos sexuais. In: Leal, M. de F. P., César, M. A. (Org.). *Indicadores de violência intrafamiliar e exploração sexual comercial de crianças e adolescentes*. (pp. 39-55).
- Gazzaniga, M. S., & Heatherton, T. F. (2007). *Ciência psicológica: Mente, cérebro e comportamento*. Porto Alegre: Artmed.
- Glaser, D. (2000). Child abuse and neglect and the brain: a review. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 41(1), 97-116.
- Horner, M. D. & Hamner, M. B. (2002). Neurocognitive functioning in posttraumatic stress disorder. *Neuropsychology Review*, 12(1), 15-30.

- Hughes, J. R., Zagar, R. J., Busch, K. G., Grove, W. M. & Arbit, J. (2009). Looking forward in records of youth abused as children: risks for homicidal, violent, and delinquent offenses. *Psychological Reports*, *104*(1), 77-101.
- Kendall-Tackett K. A & Eckenrode J. (1996). The effects of neglect on academic achievement and disciplinary problems: A developmental perspective. *Child Abuse & Neglect*, *20*(3), 161–169.
- Kristensen, C. H., Caminha, R. M. & Silveira, J. A. M. (2007). Transtorno do estresse pós-traumático na infância. In Caminha R. M. C. & Caminha M. G. (Org.). *A prática cognitiva na infância* (pp. 106-120). São Paulo: Roca.
- Kristensen, C. H., Dell'Aglio, D. D., Leon, J. S. & D'Incao, D. B. (2004). Análise da Frequência e do Impacto de Eventos Estressores em uma Amostra de Adolescentes. *Interação (Curitiba)*, *8*(1), 45-55.
- Kurtz P. D., Gaudin J. M., Wodarski J. S. & Howing P. T. (1993). Maltreatment and the school-aged child: School performance consequences. *Child Abuse & Neglect*, *17*(5), 581–589.
- Lauer, R. E., Giordani, B., Boivin, M. J., Halle, N., Glasgow, B., Alessi, N. E., et al. (1994) Effects of depression on memory performance and metamemory in children. *Journal of the American Academy of Child and Adolescent Psychiatry*, *33*(5), 679–685.
- Lee, V., Hoaken, P.N. (2007) Cognition, emotion, and neurobiological development: mediating the relation between maltreatment and aggression. *Child Maltreat.* *12*(3), 281-98.
- Lezak, M. D. (1995). *Neuropsychological assessment* (3a ed.). New York: Oxford University.
- Lezak, M.D., Howieson, D.B., & Loring, D.W. (2004). *Neuropsychological Assessment*. New York: Oxford University Press.
- Lipp, M., & Novaes, L. (2000). *O Stress*. São Paulo: Contexto.

- Lupien, S. J., McEwen, B. S., Gunnar, M. R. & Heim, C. (2009). Effects of stress throughout the lifespan on the brain, behaviour and cognition. *Nature Reviews Neuroscience* 10(1), 434-445
- Manly J. T., Cicchetti D., & Barnett D. (1994). The impact of subtype, frequency, chronicity, and severity of child maltreatment on social competence and behavior problems. *Development and Psychopathology*, 6(1), 121–143
- Mezzacappa, E., Kindlon, D. & Earls, F. (2001). Child abuse and performance task assessments of executive functions in boys. *Journal of child psychology and psychiatry, and allied disciplines*, 42(8), 1041-1048.
- Nolin, P. (2009). Portrait neuropsychologique d'enfants ayant vécu de la maltraitance *Approche neuropsychologique des apprentissages chez l'enfant*, 101(1), 317-322.
- Nolin, P. & Ethier, L. (2007). Using neuropsychological profiles to classify neglected children with or without physical abuse. *Child Abuse and Neglect*, 31(6), 631-643.
- Paolucci, E. O., Genuis, M. L. & Violato, C. (2001). A meta-analysis of the published research on the effects of child sexual abuse. *The Journal of Psychology*, 135(1), 17-36.
- Pears, K., & Fisher, P. A. (2005). Developmental, cognitive, and neuropsychological functioning in preschool-aged foster children: Associations with prior maltreatment and placement history. *Developmental and Behavioral Pediatrics*, 26(2), 112–122.
- Perrin, S., Smith, P. & Yule, W. (2000). Practitioner Review: The assessment and treatment of posttraumatic stress disorder in children and adolescents. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 41(3), 277-289.
- Prasad, M. R., Kramer, L. A. & Ewing-Cobbs, L. (2005). Cognitive and neuroimaging findings in physically abused preschoolers. *Archive of Disease in Childhood*, 90(1), 82–85.

- Rowe E & Eckenrode J. (1999). The timing of academic difficulties among maltreated and nonmaltreated children. *Child Abuse & Neglect*, 23(8), 813–832.
- Schaufelberger, M., Senhorini M. C. T., Barreiros, M. A., Amaro Jr, E., Menezes, P. R., Scazufca, M., et al. (2005). Frontal and anterior cingulate activation during overt verbal fluency in patients with first episode psychosis. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 27(3), 228-232.
- Shonk S. M., & Cicchetti D. (2001). Maltreatment, competency deficits, and risk for academic and behavioral maladjustment. *Developmental Psychology*, 37(1):3–17.
- Sladea, E. P., & Wissowb, L. S. (2007). The influence of childhood maltreatment on adolescents' academic performance. *Economics of Education Review*, 26(5), 604–614.
- Strathearn, L., Gray, P. H., O'Callaghan, F., & Wood, D. O. (2001). Childhood neglect and cognitive development in extremely low birth weight infants: a prospective study. *Pediatrics*, 108(1), 142–151.
- Stuss, D. T., & Levine, B. (2002). Adult clinical neuropsychology: Lessons from studies of the frontal lobes. *Annual Review of Psychology*, 53(1), 401-433.
- Sun, J., Mohay, H., & O'Callaghan, M. (2009). A comparison of executive function in very preterm and term infants at 8 months corrected age. *Early Human Development*, 85(4), 225-230.
- Tamnes, C. K., Ostby, Y., Fjøl, A. M., Westlye, L. T., Due-Tomnessen, P. & Walhovd, K. B. Brain Maturation in Adolescence and Young Adulthood: Regional Age-Related Changes in Cortical Thickness and White Matter Volume and Microstructure. *Cerebral Cortex*, 20(3), 534-548.
- Teicher, M. H., Dumont, N. L., Ito, Y., Vaituzis, C., Giedd, J. N., & Andersen, S. L.

- (2004). Childhood neglect is associated with reduced corpus callosum area. *Biological Psychiatry*, 56(2), 80-85.
- Tyler, S., Allison, K., & Winsler, A. (2006). Child neglect: Developmental consequences, intervention, and policy implications. *Child and Youth Care Forum*, 35(1), 1-20.
- Wignall, E. L., Dickson, J. M., Vaughan, P., Farrow, T. F. D., Wilkinson, I. D., Hunter, M. D., et al. (2004). Smaller hippocampal volume in patients with recent-onset posttraumatic stress disorder. *Biological Psychiatry*, 56(11), 832-836.
- World Health Organization. Global consultation on violence and health. Violence: a public health priority. Geneva: WHO; 1996. Disponível em: <http://www.who.int/en/> Acesso em: 16 abr 2011.
- Yates, T. M., Carlson, A. E. A. & Egeland, B (2008) A prospective study of child maltreatment and self-injurious behavior in a community sample. *Development and Psychopathology* 20(2), 651–671

ANEXO A

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA RESPONSÁVEL

Prezado(a) responsável:

Está sendo realizada uma pesquisa na Faculdade de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul que tem como objetivo avaliar o impacto de traumas ocorridos na infância sobre o raciocínio, a atenção, a memória e o desempenho escolar de adolescentes. Estamos solicitando a **sua autorização para que seu filho(a)** possa participar da pesquisa “Maus tratos na infância, funções executivas, eventos estressores e desempenho escolar em adolescentes”. Essa participação, neste momento, envolverá a realização de uma entrevista individual, na qual o seu filho responderá a um conjunto de instrumentos psicológicos na própria escola que avaliam o raciocínio, a atenção, a memória e o desempenho escolar, com a duração de uma hora e trinta minutos. A participação da pesquisa não comprometerá as atividades escolares.

A participação nesse estudo é voluntária e se você decidir não fornecer autorização ou quiser retirá-la em qualquer momento, tem absoluta liberdade de fazê-lo sem nenhum prejuízo. Na publicação dos resultados desta pesquisa, a identidade de seu filho(a) será mantida no mais rigoroso sigilo. Serão omitidas todas as informações que permitam identificá-lo(a). Mesmo não tendo benefícios diretos em participar, indiretamente você estará contribuindo para a compreensão do objeto de estudo e para a produção de conhecimento científico. Para seu conhecimento o responsável pela pesquisa é o Prof. Dr. Christian Haag Kristensen. Quaisquer dúvidas relativas à pesquisa poderão ser esclarecidas pela Coordenadora do Projeto fone 99979670 ou pela entidade responsável – Comitê de Ética em Pesquisa da PUCRS, fone 3320 3345.

Autorizo a participação do meu filho(a) _____ neste estudo e declaro ter recebido uma cópia deste termo de consentimento.

Nome e assinatura do responsável

Local e Data

Prof. Dr. Christian Haag Kristensen

ANEXO B

TERMO DE ASSENTIMENTO

Você está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar da pesquisa “Maus tratos na infância, funções executivas, eventos estressores e desempenho escolar em adolescentes”. Neste estudo pretendemos avaliar o impacto de traumas ocorridos na infância sobre o raciocínio, a atenção, a memória e o desempenho escolar. Essa participação, neste momento, envolverá a realização de uma entrevista individual, na qual você responderá a um conjunto de instrumentos psicológicos na própria escola que avaliam o raciocínio, a atenção, a memória e o desempenho escolar, com a duração de uma hora e trinta minutos. A participação da pesquisa não comprometerá as atividades escolares.

Para participar deste estudo, o responsável por você deverá autorizar e assinar um termo de consentimento livre e esclarecido. A participação é voluntária e se você decidir não fornecer autorização ou quiser retirá-la em qualquer momento, tem absoluta liberdade de fazê-lo sem nenhum prejuízo. Na publicação dos resultados desta pesquisa, a sua identidade será mantida no mais rigoroso sigilo. Serão omitidas todas as informações que permitam identificá-lo(a). Mesmo não tendo benefícios diretos em participar, indiretamente você estará contribuindo para a produção de conhecimento científico. Para seu conhecimento o responsável pela pesquisa é o Prof. Dr. Christian Haag Kristensen. Quaisquer dúvidas relativas à pesquisa poderão ser esclarecidas pela Coordenador do Projeto fone 99979670 ou pela entidade responsável – Comitê de Ética em Pesquisa da PUCRS, fone 3320 3345.

Eu, _____, fui informado(a) dos objetivos do presente estudo de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações, e o meu responsável poderá modificar a decisão de participar se assim o desejar. Tendo o consentimento do meu responsável já assinado, declaro que concordo em participar desse estudo. Recebi uma cópia deste termo assentimento e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Nome e assinatura do(a) adolescente

Local e data

Prof. Dr. Christian Haag Kristensen

ANEXO C
APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA DA PUCRS

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE
 CATÓLICA DO RIO GRANDE DO
 SUL - PUC/RS



PROJETO DE PESQUISA

Título: Maus Tratos na Infância, Funções Executivas, Eventos Estressores e Desempenho Escolar em Adolescentes

Área Temática:

Área 9. A critério do CEP.

Versão: 4

CAAE: 01577912.1.0000.5336

Pesquisador: Christian Haag Kristensen

Instituição: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUC/RS

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

Número do Parecer: 116.400

Data da Relatoria: 26/09/2012

Apresentação do Projeto:

O principal objetivo deste estudo é verificar se existe associação entre maus tratos sofridos na infância, eventos estressores experienciados na adolescência, funcionamento executivo e desempenho escolar de adolescentes. O presente estudo terá natureza descritiva, com dados quantitativos, em um delineamento ex-post-facto, do tipo correlacional. Os participantes deste estudo serão adolescentes com idade entre 12 e 18 anos. A amostra de adolescentes será recrutada nas Escolas de Ensino Fundamental e Médio completos, da rede pública de Porto Alegre. Esta englobará 100 adolescentes, que serão divididos em dois grupos: Grupo Caso e Grupo Controle. Os indivíduos serão pareados em relação à série, sexo e tipo de escola pública. Os adolescentes do Grupo Caso serão selecionados de forma randomizada, já os indivíduos do Grupo Controle serão por conveniência. Os critérios de exclusão serão os seguintes: (a) presença de transtornos mentais graves, como presença de sintomas psicóticos e retardo mental grave, avaliados durante a entrevista.

Objetivo da Pesquisa:

O objetivo principal da pesquisa é investigar se existe associação entre maus tratos sofridos na infância, eventos estressores experienciados na adolescência, funcionamento executivo e desempenho escolar de adolescentes. Como objetivo secundário tem-se: Comparar os grupos caso e controle em relação as seguintes variáveis: funções executivas, eventos estressores, quociente de inteligência e desempenho escolar; Caracterizar o desempenho escolar, funcionamento executivo, eventos estressores e o quociente de inteligência de adolescentes com e sem história de maus tratos; Verificar a ocorrência simultânea de diferentes tipos de maus tratos e sua associação com as funções executivas, o desempenho escolar, eventos estressores e o nível de quociente de inteligência.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

O presente estudo pode apresentar o risco de mobilizar emocionalmente os participantes em relação à vivência de algum tipo de maus tratos. Para isso, os participantes identificados com histórico de maus tratos na infância serão encaminhados para o Núcleo de Estudos e Pesquisa em Trauma e Estresse (NEPTE) da PUCRS. O NEPTE é um serviço ambulatorial gratuito que se localiza na PUCRS e tem por objetivo oferecer tratamento para pacientes vítimas de trauma. Aponta-se como riscos, também, a não observância dos maus tratos sofridos no ambiente familiar, pois a autorização para o estudo deve ser dado pelos pais ou responsável legal.
 Benefícios: Através deste estudo, pretende-se contribuir para implementar políticas de prevenção

Endereço: Av.Ipiranga, 6681

Bairro:

CEP: 90.619-900

UF: RS

Município: PORTO ALEGRE

Telefone: (51)320-3345

Fax: (51)320-3345

E-mail: cep@puccrs.br

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE
CATÓLICA DO RIO GRANDE DO
SUL - PUC/RS



contra os maus tratos na infância e gerar conhecimentos aplicados relacionados ao tema. Se, de alguma maneira, for possível relacionar a vivência de maus tratos na infância e/ou eventos estressores na adolescência ao baixo desempenho escolar e ao pior funcionamento executivo de adolescentes, uma fundamentação científica poderá respaldar as políticas de prevenção quanto ao cuidado básico nas famílias desses participantes. A reabilitação cognitiva poderá ser outra ferramenta importante no atendimento a esses adolescentes associada ao tratamento convencional. Além disso, a caracterização do perfil cognitivo e do desempenho acadêmico proporcionará uma base de conhecimento sólido para o fortalecimento de modelos de prevenção a essa forma de violência na infância. Uma vez que o professor tiver uma maior consciência deste tema, poderá responder de forma mais efetiva com os alunos que apresentam pouca motivação, baixo desempenho escolar e dificuldades comportamentais.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O projeto está bem estruturado e contém todos os requisitos para a aprovação da pesquisa.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Todos os termos obrigatórios estão aprovados.

Recomendações:

A recomendação é de aprovação do projeto de pesquisa.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Projeto aprovado.

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

PORTO ALEGRE, 05 de Outubro de 2012

Assinado por:
Rodolfo Herberto Schneider
(Coordenador)

Endereço: Av. Ipiranga, 6681
Bairro: CEP: 90.619-900
UF: RS Município: PORTO ALEGRE
Telefone: (513)320-3345 Fax: (513)320-3345 E-mail: cep@pucrs.br

ANEXO D

FICHA DE DADOS SOCIODEMOGRÁFICOS

Nome: _____

Idade: _____ Sexo: () Feminino () Masculino

Endereço: _____

Bairro: _____

Telefone para contato: _____

Nome da escola: _____

Série: _____

Turma: _____

Turno: _____

Alguma vez repetiu de ano? () Sim Quantas vezes? _____

() Não

Nome do Pai: _____ Idade: _____

Nome da Mãe: _____ Idade: _____

Número de irmãos: _____

Com quem reside?

- | | | |
|--------------|-------------------|------------------------|
| () pai | () irmãos | () companheira(o) |
| () mãe | () avós maternos | () filhos |
| () padrasto | () avós paternos | () Outros Quem? _____ |
| () madrasta | () tios | |

ANEXO E

CRITÉRIO DE CLASSIFICAÇÃO ECONÔMICA BRASIL



CRITÉRIO
DE CLASSIFICAÇÃO ECONÔMICA
BRASIL

ABEP
associação brasileira de empresas de pesquisa

O Critério de Classificação Econômica Brasil, enfatiza sua função de estimar o poder de compra das pessoas e famílias urbanas, abandonando a pretensão de classificar a população em termos de "classes sociais". A divisão de mercado definida abaixo é de classes econômicas.

SISTEMA DE PONTOS

Posse de itens

	Quantidade de Itens				
	0	1	2	3	4 ou +
Televisão em cores	0	1	2	3	4
Rádio	0	1	2	3	4
Banheiro	0	4	5	6	7
Automóvel	0	4	7	9	9
Empregada mensalista	0	3	4	4	4
Máquina de lavar	0	2	2	2	2
Videocassete e/ou DVD	0	2	2	2	2
Geladeira	0	4	4	4	4
Freezer (aparelho independente ou parte da geladeira duplex)	0	2	2	2	2

Grau de Instrução do chefe de família

Nomenclatura Antiga	Nomenclatura Atual	
Analfabeto/ Primário incompleto	Analfabeto/ Fundamental 1 Incompleto	0
Primário completo/ Ginásial incompleto	Fundamental 1 Completo / Fundamental 2 Incompleto	1
Ginásial completo/ Colegial incompleto	Fundamental 2 Completo/ Médio Incompleto	2
Colegial completo/ Superior incompleto	Médio Completo/ Superior Incompleto	4
Superior completo	Superior Completo	8

CORTES DO CRITÉRIO BRASIL

Classe	Pontos
A1	42 - 46
A2	35 - 41
B1	29 - 34
B2	23 - 28
C1	18 - 22
C2	14 - 17
D	8 - 13
E	0 - 7

ANEXO F

CTQ

As afirmações abaixo se referem a algumas experiências de quando você era criança ou adolescente. Embora estas afirmações sejam de natureza pessoal, por favor, responda o mais sinceramente possível. Para cada afirmação, marque um **X** na resposta que melhor descreve o que você acha que ocorreu enquanto crescia.

Enquanto eu crescia...	Nunca	Poucas Vezes	Às Vezes	Muitas Vezes	Sempre
1. Eu não tive o suficiente para comer.	<input type="checkbox"/>				
2. Eu soube que havia alguém para me cuidar e proteger.	<input type="checkbox"/>				
3. As pessoas da minha família me chamaram de coisas do tipo “estúpido (a)”, “preguiçoso (a)” ou “feio (a)”.	<input type="checkbox"/>				
4. Meus pais estiveram muito bêbados ou drogados para poder cuidar da família.	<input type="checkbox"/>				
5. Houve alguém na minha família que ajudou a me sentir especial ou importante.	<input type="checkbox"/>				
6. Eu tive que usar roupas sujas.	<input type="checkbox"/>				
7. Eu me senti amado (a).	<input type="checkbox"/>				
8. Eu achei que meus pais preferiam que eu nunca tivesse nascido.	<input type="checkbox"/>				
9. Eu apanhei tanto de alguém da minha família que tive de ir ao hospital ou consultar um médico.	<input type="checkbox"/>				
10. Não houve nada que eu quisesse mudar na minha família.	<input type="checkbox"/>				
11. Alguém da minha família me bateu tanto que me deixou com machucados roxos.	<input type="checkbox"/>				
12. Eu apanhei com cinto, vara, corda ou outras coisas que machucaram.	<input type="checkbox"/>				
13. As pessoas da minha família cuidavam umas das outras.	<input type="checkbox"/>				
14. Pessoas da minha família disseram coisas que me machucaram ou me ofenderam.	<input type="checkbox"/>				
15. Eu acredito que fui maltratado (a) fisicamente.	<input type="checkbox"/>				
16. Eu tive uma ótima infância.	<input type="checkbox"/>				
17. Eu apanhei tanto que um professor, vizinho ou médico chegou a notar.	<input type="checkbox"/>				
18. Eu senti que alguém da minha família me odiava.	<input type="checkbox"/>				
19. As pessoas da minha família se sentiam unidas.	<input type="checkbox"/>				
20. Tentaram me tocar ou me fizeram tocar de uma maneira sexual.	<input type="checkbox"/>				
21. Ameaçaram me machucar ou contar mentiras sobre mim se eu não fizesse algo sexual.	<input type="checkbox"/>				
22. Eu tive a melhor família do mundo.	<input type="checkbox"/>				
23. Tentaram me forçar a fazer algo sexual ou assistir coisas sobre sexo.	<input type="checkbox"/>				
24. Alguém me molestou.	<input type="checkbox"/>				
25. Eu acredito que fui maltratado (a) emocionalmente.	<input type="checkbox"/>				
26. Houve alguém para me levar ao médico quando eu precisei.	<input type="checkbox"/>				
27. Eu acredito que fui abusado (a) sexualmente.	<input type="checkbox"/>				
28. Minha família foi uma fonte de força e apoio.	<input type="checkbox"/>				

ANEXO G

TESTE DE FLUÊNCIA VERBAL (FAS)

Instrução:

“Eu vou te falar uma letra e quero que você me diga o máximo de palavras que você puder que comecem com essa letra, o mais rápido que você puder. No entanto, você não pode falar nomes próprios (nome de pessoas, cidades, países, marcas...), palavras derivadas, por exemplo, se disser pedra, não pode falar pedrinha, pedregulho, pedreira... e conjugar verbos, por exemplo, se disse cantei, não pode dizer cantar, cantarei, cantamos...”.

“Eu quero que você me diga o maior número de palavras que comecem com a letra **F**, não vale nomes próprios (nome de pessoas, cidades, ruas). Pode começar (acionar o cronômetro e marcar um minuto)”.

“Eu quero que você me diga o maior número de palavras que comecem com a letra **A**, não vale nomes próprios (nome de pessoas, cidades, ruas). Pode começar (acionar o cronômetro e marcar um minuto)”.

“Eu quero que você me diga o maior número de palavras que comecem com a letra **S**, não vale nomes próprios (nome de pessoas, cidades, ruas). Pode começar (acionar o cronômetro e marcar um minuto)”.

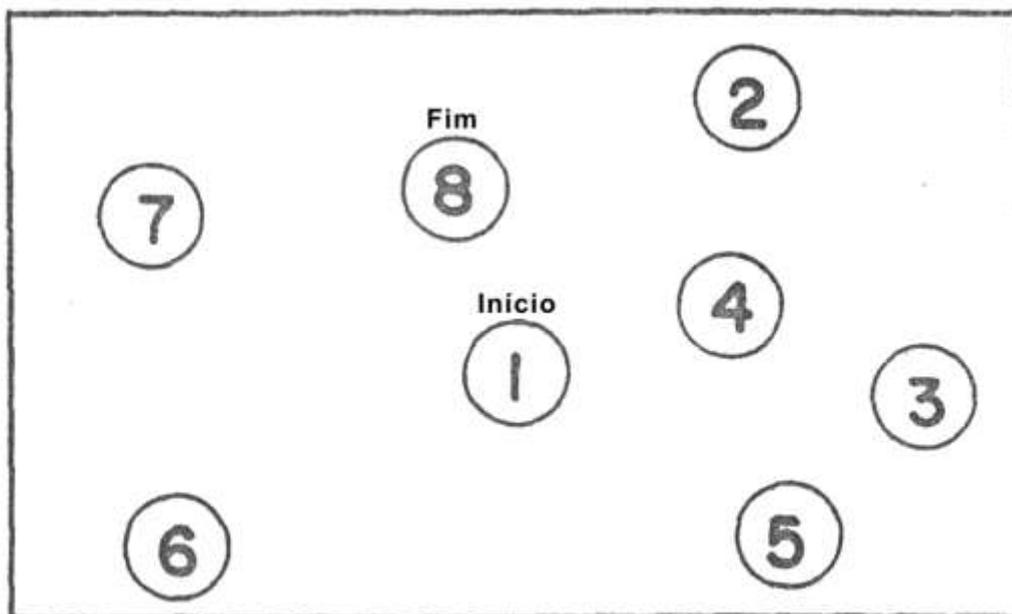
ANEXO H

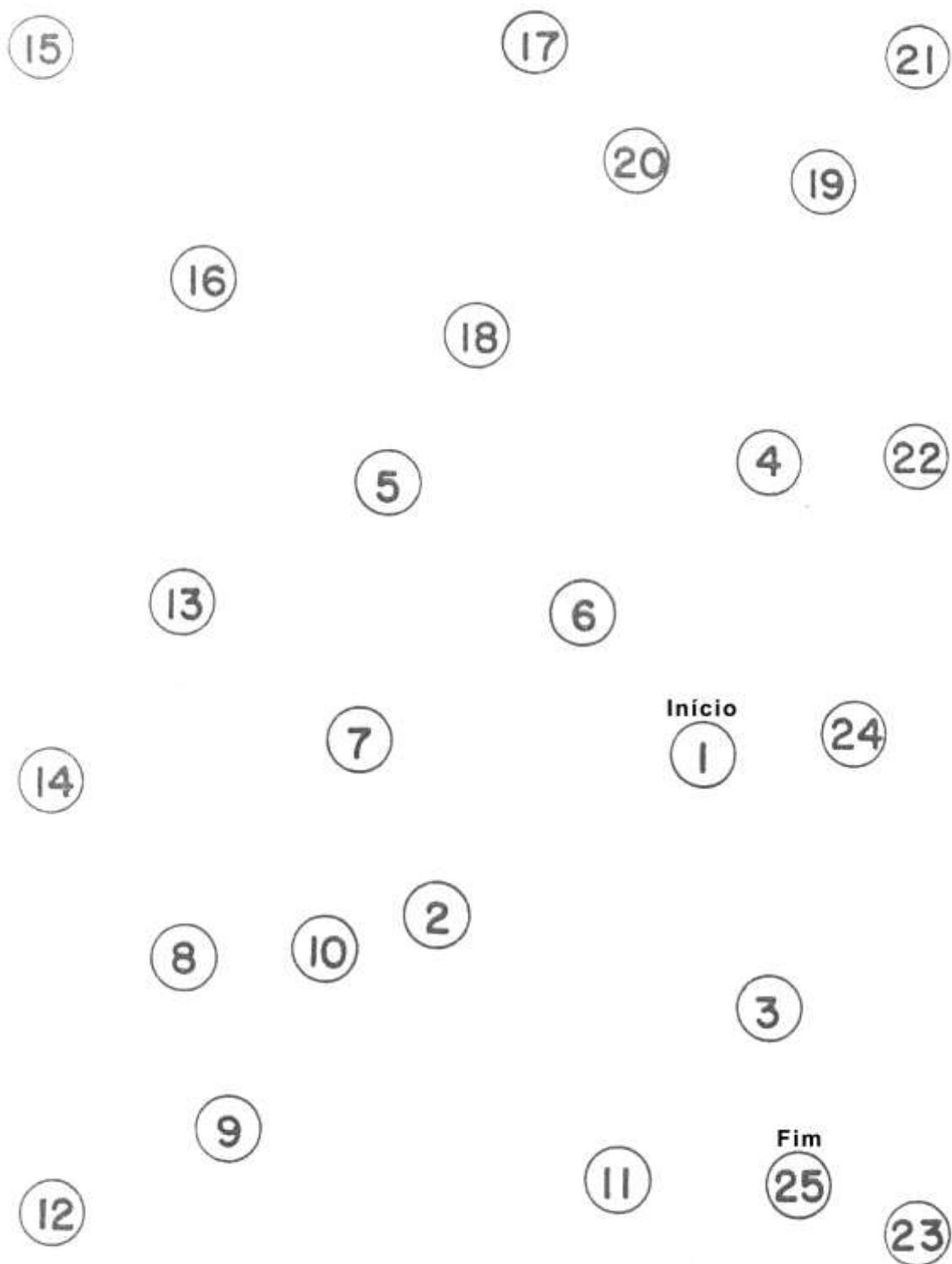
TRAIL MAKING TEST

TRAIL MAKING

Parte A

EXEMPLO

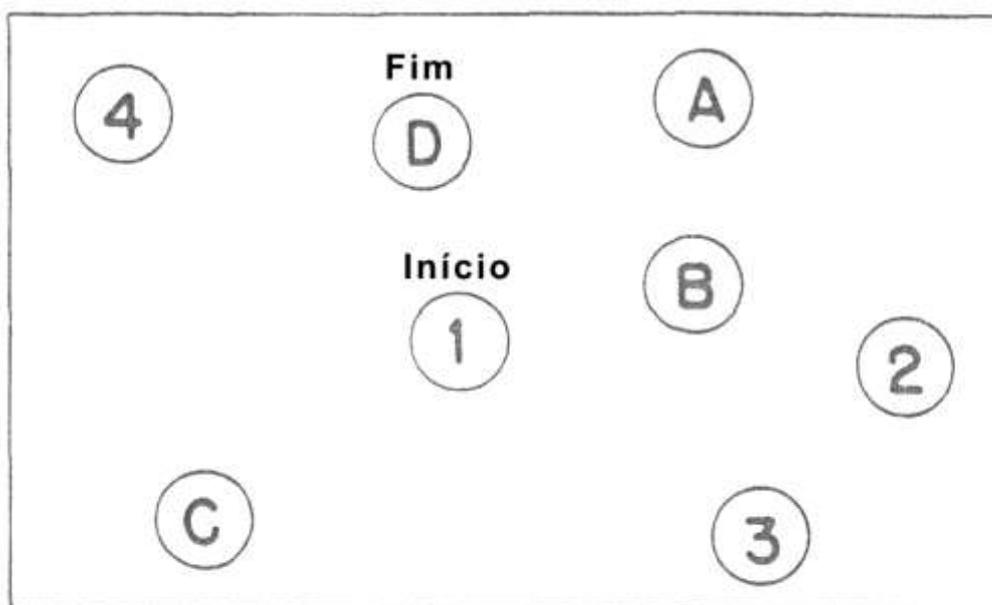


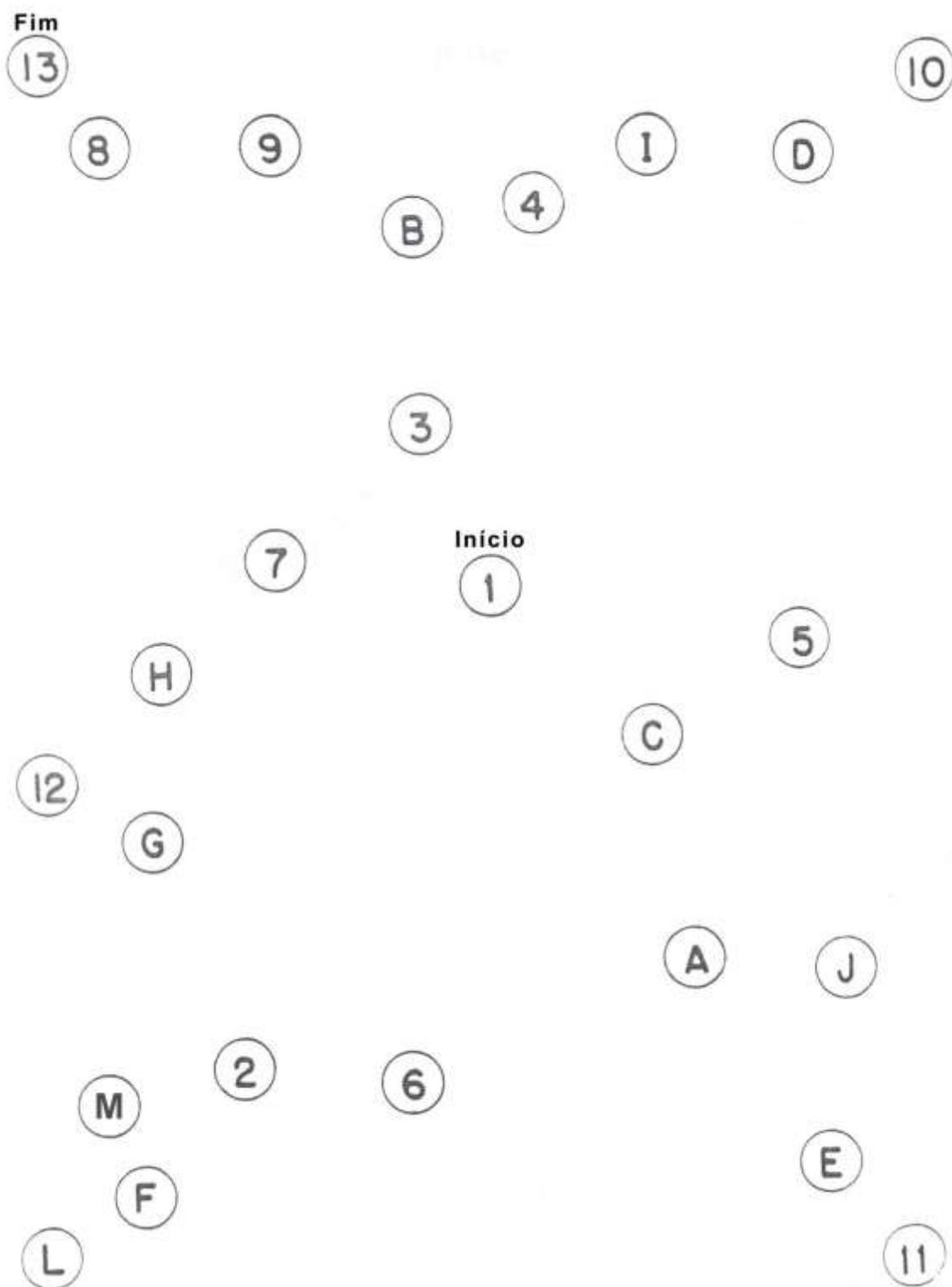


TRAIL MAKING

Parte B

EXEMPLO





ANEXO I

HAYLING TEST¹

Instrução Parte A: *Eu vou ler para você uma série de frases. Em cada frase falta a última palavra. Eu gostaria que você escutasse atentamente cada frase e quando eu terminar de ler, você me dirá que palavra que lhe parece completar melhor a frase. As frases não são difíceis e em geral é fácil de encontrar a palavra que falta. Mas antes de tudo, nós iremos ver alguns exemplos (aplicar frases-exemplo A e B). Agora, as frases não apresentam maior dificuldade do que aquelas que você acabou de completar. Eu estou interessado(a) na velocidade em que você dará sua resposta. Assim, quando eu tiver lido a frase, sua tarefa será me dar o mais rápido possível uma palavra que complete bem essa frase, de acordo com a sua opinião.*

Instrução Parte B: *Agora esta tarefa é um pouco diferente da primeira. Eu vou ler frases nas quais também falta a última palavra como fizemos até agora, mas desta vez, eu gostaria que você me desse uma palavra que não tenha qualquer sentido em relação ao contexto da frase. Isso nem sempre é fácil no começo. Nós iremos começar por alguns exemplos, tudo bem? (aplicar frases-exemplo B1 e B2. Se houver erro ou se o participante não conseguir produzir uma resposta, fornecer como exemplo a palavra “banana” como alternativa e repetir a instrução). Certo, como da outra vez, peço pra que você me diga o mais rápido que conseguir uma palavra que não tenha relação com o sentido da frase. Podemos começar.*

PARTE A	RESPOSTA	TEMPO (s)	PQt
EX. A1 – O bebê chorava no:	_____		
EX. A2 – São Paulo é uma grande:	_____		
01 - O nadador mergulhou na:	_____	_____	_____
02 - O homem enviou a carta pelo:	_____	_____	_____
03 - A professora escreveu no:	_____	_____	_____
04 - A moça gosta de se olhar no:	_____	_____	_____
05 - O menino jogou a bola na:	_____	_____	_____
06 - A chuva caía no:	_____	_____	_____
07 - O casaco estava no:	_____	_____	_____
08 - O jogador de futebol fez uma:	_____	_____	_____
09 - Ele retirou o alimento frio da:	_____	_____	_____
10 - A criança tomou banho de:	_____	_____	_____

¹ Fonseca, R. P., Oliveira, C. R., Gindri, G., Zimmermann, N., Reppold, C. T. & Parente, M. A. M. P. (2010). Teste Hayling: Um instrumento de avaliação de componentes das funções executivas. In C. S. Hutz (Ed.), *Avanços em avaliação psicológica e neuropsicológica de crianças e adolescentes*. (pp. 337-360). Porto Alegre: Casa do Psicólogo.

11- Sua demissão surpreendeu todos seus:	_____	_____	_____
12 - O ladrão fugiu da:	_____	_____	_____
13 - A louça suja ficou na:	_____	_____	_____
14 - Os gatos enxergam bem à:	_____	_____	_____
15 - O senhor bebeu café na:	_____	_____	_____

Nota. PQt = pontuação quantitativa

PARTE B	RESPOSTA	TEMPO (s)	PQt	PQI
EX. B1 – A taxa de criminalidade aumentou neste:	_____			
EX. B2 – Estes novos sapatos eram de má:	_____			
01 - A criança nasceu no:	_____	_____	_____	_____
02 - A mulher viajou para a praia de:	_____	_____	_____	_____
03 - O repórter falou na:	_____	_____	_____	_____
04 - A avó leva sua neta para brincar no:	_____	_____	_____	_____
05 - A senhora pegou o copo da:	_____	_____	_____	_____
06 - O rapaz brigava com sua:	_____	_____	_____	_____
07 - A fumaça saía da:	_____	_____	_____	_____
08 - O capitão afundou o:	_____	_____	_____	_____
09 - A cozinheira colocou o bolo no:	_____	_____	_____	_____
10 - Ela telefonou para o marido de sua:	_____	_____	_____	_____
11 - Todos os convidados tiveram uma excelente:	_____	_____	_____	_____
12 - Ele comprou doces na:	_____	_____	_____	_____
13 - O médico receitou um:	_____	_____	_____	_____
14 - O sol brilha muito durante o:	_____	_____	_____	_____
15- A adolescente cortou carne no:	_____	_____	_____	_____

Nota. * = Caso haja erro, oferecer exemplo “banana”; PQt = Pontuação quantitativa; PQI = Pontuação qualitativa.

Resumo pontuação		
PA	PB	
Tempo(s): _____	Tempo(s): _____	Tempo Parte B – Tempo Parte A: _____ Observações: _____
Acertos: _____/15	Acertos - PQt: _____/15	
Erros: _____/15	Erros - PQt: _____/15	
	Erros - PQI: _____/45	

ANEXO J

INVENTÁRIO DE EVENTOS ESTRESSORES NA ADOLESCÊNCIA²

Data: _____ Série: _____ Sexo: () Masculino ()
Feminino
Idade: _____ Tipo de escola em que estuda: () pública ()
particular

Abaixo estão apresentados alguns eventos que podem ter acontecido na sua vida, provocando uma reação de tensão que chamamos de estresse. Damos o nome de estresse a um conjunto de reações físicas e psicológicas que temos quando passamos por uma situação de vida difícil, que nos dá medo, incomoda ou irrita. Marque aqueles eventos de vida que já ocorreram com você e assinale, para estes, um valor entre 1 a 5 de forma que quanto maior for o valor, mais forte foi o estressor para você. *Considere o seguinte exemplo:*

00) Ter problemas de saúde Não () Sim (X)
1() 2() 3() 4() 5(X)

Nesse exemplo, o adolescente realmente teve problemas de saúde e considerou isso um evento estressor muito forte. Portanto, assinalou a alternativa “Sim” e marcou o valor “5”. Se não tivesse passado por nenhum problema de saúde, assinalaria a alternativa “Não” e nenhum valor seria atribuído ao evento, pois o mesmo não ocorreu.

Leia com atenção às alternativas abaixo e trabalhe individualmente.

Muito obrigado pela sua colaboração!

1) Ter problemas com professores
Não () Sim ()
1() 2() 3() 4() 5()

2) Ter problemas com a polícia
Não () Sim ()
1() 2() 3() 4() 5()

3) Não ter dinheiro
Não () Sim ()
1() 2() 3() 4() 5()

4) Ter problemas com a justiça
Não () Sim ()
1() 2() 3() 4() 5()

5) Rodar de ano na escola
Não () Sim ()
1() 2() 3() 4() 5()

6) Um dos pais ter filhos com outros
parceiros
Não () Sim ()
1() 2() 3() 4() 5()

7) Perder o emprego
Não () Sim ()
1() 2() 3() 4() 5()

8) Ter problemas e dúvidas quanto às
mudanças no corpo e aparência
Não () Sim ()
1() 2() 3() 4() 5()

9) Não ter amigos(as)
Não () Sim ()
1() 2() 3() 4() 5()

10) Não conseguir emprego
Não () Sim ()
1() 2() 3() 4() 5()

² Kristensen, C. H., Leon, J. S., D’Incao, D. B., & Dell’Aglia, D. D. (2004). Análise da frequência e do impacto de eventos estressores em uma amostra de adolescentes. *Interação em Psicologia*, 8, 45-55.

11) Mudar de colégio

Não () Sim ()
1() 2() 3() 4() 5()

13) Assumir o sustento da sua família

Não () Sim ()
1() 2() 3() 4() 5()

15) Ir para o conselho tutelar

Não () Sim ()
1() 2() 3() 4() 5()

17) Morte de irmãos(ãs)

Não () Sim ()
1() 2() 3() 4() 5()

19) Morte de amigo(a)

Não () Sim ()
1() 2() 3() 4() 5()

21) Ter brigas com irmãos(ãs)

Não () Sim ()
1() 2() 3() 4() 5()

23) Um dos pais ficar desempregado

Não () Sim ()
1() 2() 3() 4() 5()

25) Ter amigos(as) com ferimentos ou Doenças

Não () Sim ()
1() 2() 3() 4() 5()

27) Ser impedido(a) de ir a festas ou Passeios

Não () Sim ()
1() 2() 3() 4() 5()

29) Ter crise nervosa

Não () Sim ()
1() 2() 3() 4() 5()

31) Ter problemas com os outros pela sua raça

12) Mudar de casa ou de cidade

Não () Sim ()
1() 2() 3() 4() 5()

14) Ser levado(a) para a FEBEM

Não () Sim ()
1() 2() 3() 4() 5()

16) Morte de um dos pais

Não () Sim ()
1() 2() 3() 4() 5()

18) Morte de outro familiar

Não () Sim ()
1() 2() 3() 4() 5()

20) Discutir com amigos(as)

Não () Sim ()
1() 2() 3() 4() 5()

22) Ter familiares com ferimentos ou Doenças

Não () Sim ()
1() 2() 3() 4() 5()

24) Ter dormido na rua

Não () Sim ()
1() 2() 3() 4() 5()

26) Não receber cuidado e atenção dos Pais

Não () Sim ()
1() 2() 3() 4() 5()

28) Ter que obedecer às ordens de seus pais

Não () Sim ()
1() 2() 3() 4() 5()

30) Ter doenças graves ou lesões Sérias

Não () Sim ()
1() 2() 3() 4() 5()

32) Ter dificuldades de adaptação/ajustamento na escola

Não () Sim ()
1() 2() 3() 4() 5()

33) Sofrer humilhação ou ser desvalorizado(a)

Não () Sim ()
1() 2() 3() 4() 5()

35) Ter dificuldades em fazer amizades

Não () Sim ()
1() 2() 3() 4() 5()

37) Sofrer agressão física ou ameaça de agressão por parte dos pais

Não () Sim ()
1() 2() 3() 4() 5()

39) Ser suspenso(a) da escola

Não () Sim ()
1() 2() 3() 4() 5()

41) Ficar grávida / A namorada ficar grávida

Não () Sim ()
1() 2() 3() 4() 5()

43) Ser levado(a) para uma instituição de abrigo

Não () Sim ()
1() 2() 3() 4() 5()

45) Ter provas no colégio

Não () Sim ()
1() 2() 3() 4() 5()

47) Usar drogas

Não () Sim ()
1() 2() 3() 4() 5()

49) Envolver-se em brigas com agressão física

Não () Sim ()

Não () Sim ()
1() 2() 3() 4() 5()

34) Sofrer castigos e punições

Não () Sim ()
1() 2() 3() 4() 5()

36) Um dos pais se casar novamente

Não () Sim ()
1() 2() 3() 4() 5()

38) Ser tocado(a) sexualmente contra a vontade

Não () Sim ()
1() 2() 3() 4() 5()

40) Ter sido adotado(a)

Não () Sim ()
1() 2() 3() 4() 5()

42) Fazer aborto / A namorada fazer aborto

Não () Sim ()
1() 2() 3() 4() 5()

44) Ter problemas no trabalho

Não () Sim ()
1() 2() 3() 4() 5()

46) Ficar pobre

Não () Sim ()
1() 2() 3() 4() 5()

48) Um dos pais ter que morar longe por causa do serviço

Não () Sim ()
1() 2() 3() 4() 5()

50) Ser estuprado(a)

Não () Sim ()

1() 2() 3() 4() 5()

1() 2() 3() 4() 5()

51) Ser rejeitado(a) pelos familiares

52) Ser assaltado(a)

Não () Sim ()

Não () Sim ()

1() 2() 3() 4() 5()

1() 2() 3() 4() 5()

53) Ser xingado(a) ou ameaçado(a)

54) Separação dos pais

Verbalmente

Não () Sim ()

Não () Sim ()

1() 2() 3() 4() 5()

1() 2() 3() 4() 5()

55) Ser expulso(a) da escola

56) Ser expulso(a) da sala de aula pela

Professora

Não () Sim ()

Não () Sim ()

1() 2() 3() 4() 5()

1() 2() 3() 4() 5()

57) Ter sofrido algum tipo de
violência

58) Terminar o namoro

Não () Sim ()

Não () Sim ()

1() 2() 3() 4() 5()

1() 2() 3() 4() 5()

59) Sentir-se rejeitado(a) por colegas
e

60) Sofrer acidente

amigos(as)

Não () Sim ()

Não () Sim ()

1() 2() 3() 4() 5()

1() 2() 3() 4() 5()

61) Ter problemas com autoridades
ou

62) Ter mau relacionamento com colegas

Chefia

Não () Sim ()
1() 2() 3() 4() 5()

63) Ser impedido(a) de ver os pais

Não () Sim ()
1() 2() 3() 4() 5()

Não () Sim ()
1() 2() 3() 4() 5()

64) Ser pobre

Não () Sim ()
1() 2() 3() 4() 5()